

PCB 1922-1982 Memória Fotográfica São Paulo, Brasiliense, 1982.

LIMA, Heitor Ferreira – Caminhos Percorridos, São Paulo, Brasiliense, 1982.

Como resenhar uma Memória Fotográfica? Como dar vida às palavras para retratar imagens? Talvez melhor fotografar. Talvez melhor resenhar com imagens estas interessantes, belas, feias, inteligentes fotografias. Uma Memória Fotográfica do Partido Comunista Brasileiro. A primeira memória Fotográfica do PCB; talvez da luta de entidades/partidos que se reivindicam do proletariado.

90 Mas o livro não vale só pela beleza do trabalho, pelo interesse/importância das fotos e do registro; vale também pelo texto. Conciso, informativo, claro, não superficial, cuidadoso e para quem vem acompanhando a recente bibliografia sobre os comunistas no Brasil (PCB, Conflito e Integração de Ronald Chilcote; O Partidão de Moises Vinhas; Breve História do PCB de José Antonio Segatto; A Democracia e os Comunistas no Brasil de Leandro Konder; O Partido Comunista na Genese do Populismo de Arnaldo Spindel; O PCB no Quadro Atual da Política Brasileira de Pedro Del Picchia; Prestes: Lutas e Autocríticas de Denis de Moraes e Francisco Viana etc. etc.) certamente um texto com algumas informações e dados novos e, por vezes, inéditos. Claro que tudo isto transpassa durante todo o texto por uma dada interpretação da história do PCB. Aquela que hoje reúne, não sem conflitos e divergências, parte do comitê central do PCB e os chamados "eurocomunistas". Obviamente esta não é a única forma de interpretar a história do PCB, mesmo entre as cisões do PCB (antigas como o PC do B que se reivindica como verdadeiro continuador do velho partido de 1922 ou recentes como o grupo prestista) as interpretações são diversas e até em determinados e não desimportantes momentos totalmente contrários. Entretanto se estar informado por uma dada interpretação da história do PCB não invalida o texto, traz-lhe problemas e certas limitações bastante sérias. Por exemplo, na página 67 os autores escrevem que o partido na conjuntura 1943-1947 combate "algumas movimentações grevistas". O equívoco de tal afirmação é gritante: no pós-guerra a política deliberada do PCB é desestimular e até impedir os movimentos paredistas da classe trabalhadora e insistir na colaboração de classes com sua política de união nacional (ver, por exemplo, Elias Chaves NETO — Minha Vida e as Lutas de Meu Tempo, p. 88 e 89). E este é um exemplo de outros possíveis.

Se este livro tem novidades fotográficas e no texto, também o de Heitor Ferreira Lima as tem. Daí porque reunir nesta resenha a Memória Fotográfica e a Memória de Heitor: ambas trazem dados novos para quem quer conhecer a história da luta da classe trabalhadora no Brasil e para quem também quer, no mínimo, não repetir erros, muitos aliás cotidianos nas práticas da esquerda brasileira.

A novidade básica dos Caminhos Percorridos de Heitor Ferreira Lima é centrar seu depoimento sobre a década de 1930. Década fundamental. Década de mudanças para o PCB: queda da velha direção dos fundadores do partido; "proletarização"; mudanças de linha política; filiação e ascensão de setores médios (militares ou não) no partido e em sua direção.

Instável e fundamental, este período determinado depois destes diversos depoimentos e estudos continuava e ainda continua, em boa parte, como se verá, obscuro. Porque tais lutas internas? Porque as constantes alterações de direção/dirigentes? Porque esta modificação de composição social? Qual o papel da Internacional Comunista nestas

mudanças? Os livros anteriores quase nada acrescentam para responder estas questões e aqui se inclui o esperado e decepcionante depoimento de Luiz Carlos Prestes nas suas lutas e auto-críticas. O livro de Heitor e o recente artigo do professor Leôncio Martins Rodrigues, apesar de problemas, trazem dados novos e indicam alguns caminhos para que as respostas àquelas perguntas se tornem possíveis. Heitor, em especial no capítulo "Anos de Duros Combates", traz ao debate a "reorganização partidária após 1930", o aventureirismo dos anos 30 e a luta interna ocorrida no PCB por volta de 1937. Pena que sua visão dos anos 30 apresente involuntárias limitações: uma decorrente de seu "exílio partidário" no Nordeste, o que o impede de acompanhar com os detalhes e a profundidade necessários a "proletarização" do PCB e sua "superação" e outra, certamente menos pronunciada, ocasionada pela sua participação como protagonista, posteriormente preso, na luta interna do PCB por volta de 1937.

Estas limitações, apesar da indiscutível importância do livro, impedem o texto de esclarecer de forma cristalina o que ocorre na década de 30 dentro do PCB. Mas, talvez não se dê mesmo é esperar tal esclarecimento de nenhum livro isoladamente. O certo é que para saber o que acontece no PCB nestes anos fundamentais de sua história é estritamente necessário conhecer aquilo que ocorre com o partido em determinados estados brasileiros. Heitor fala rapidamente de alguns por onde passou no seu "exílio partidário pelo nordeste", no entanto necessita-se de um conhecimento bem mais aprofundado. Vejamos um exemplo.

Quando falamos da necessidade de estudos regionais da história do PCB — e porque não das lutas sociais — não podemos deixar de fora o estado da Bahia. Isto porque durante esta década se forma e vive na Bahia toda uma importante geração de militantes. Por exemplo: Carlos Marighella, Mário Alves, Jacob Gorender, Armenio Guedes, Maurício Grabois, Jorge Amado e inúmeros outros são baianos e Diógenes Arruda, Moises Vinhas e outros vivem e militam na Bahia, na década de 30. Toda esta geração de militantes tem papel destacado na história posterior do PCB, a começar pela reorganização do partido em 1942. 91

Mas aqui temos um outro "enigma baiano": porque forma-se esta geração de militantes na Bahia dos anos 30? Sabemos que praticamente não existe nenhuma participação baiana no PCB anterior à 1930. Por exemplo: nenhum delegado baiano participa dos três primeiros congressos do partido realizados na década de 20. Sabemos também que apesar de algumas manifestações significativas, principalmente na conjuntura 1917-1921, não existe na Bahia nenhuma tradição mais forte de lutas sociais de trabalhadores urbanos ou rurais, que sirva de base/referência para formação de lideranças que se reivindicam comprometidos com as lutas dos trabalhadores. E sabemos ainda que a década de 30 "assiste" à real implantação do PCB na Bahia, tanto que depois da derrota dos levantes de 1935, o órgão central do PCB — A CLASSE OPERÁRIA — passa a ser editada na Bahia, durante certo período. Claro que para isto também contribui a relativamente moderada repressão aos levantes na Bahia, mesmo porque nada mais significativo ocorre neste estado. Aliás com a repressão em outros estados, alguns militantes, como Moises Vinhas fogem e passam a viver na Bahia por algum tempo.

Ainda nesta década acontece na Bahia algo similar com o que ocorre com o PCB a nível nacional: o aumento de influência/participação de setores médios no interior do partido. Mas se a nível nacional neste processo de modificação da composição social pesam bastante os elementos tenentistas, no caso da Bahia estes elementos praticamente inexistem, fazendo com que este processo tenha características particulares. Aí os setores médios que ingressam no PCB provêm basicamente da Universidade, do estudantado e

dos "profissionais liberais", como jornalistas etc. O trabalho partidário nestes setores, o movimento aliancista e posteriormente a resistência anti-facista parecem ser as bases deste processo de implantação e modificação de composição social. No final da década de 30, por exemplo, militantes do PCB na Bahia organizam e dirigem SEIVA, uma revista cultural e anti-facista, talvez em determinados momentos a única revista anti-facista circulando no Brasil. Isto nos leva a outros problemas: quais são as bases/condições sociais locais que permitem o movimento de organização do PCB na Bahia e especialmente em determinados setores sociais? Sem dúvidas, um estudo que se detivesse nestes problemas e em outras questões próximas traria importantes dados para a história do PCB e das lutas sociais no Brasil.

Antonio Albino Canelas Rubim

92 LAINO, André O Controle Fabril: poder e autoridade do capital Petrópolis, Vozes, 1983.

Num trecho de a "Jornada de Trabalho", capítulo VIII de O Capital, Marx faz referência à subordinação da saúde ao capital: "O Capital não se preocupa com a saúde e a vida do trabalhador se não for pressionado pela sociedade". Esta passagem ilustra o tema de abordagem do trabalho de André Laino, recentemente publicado, pela Editora Vozes. Fruto de uma pesquisa realizada para o programa de Pós-Graduação em Sociologia do IFCH da UNICAMP; este trabalho se insere dentro da tradição da "sociologia do trabalho" procurando focar o problema da administração e produção do capital e sua relação/contradição com os sujeitos vivos do processo produtivo: os operários de uma indústria de molas da cidade de Campinas, no Estado de São Paulo.

As investigações no campo da Sociologia do Trabalho, sob forte inspiração funcionalista, tendo George Fridmann e Pierre Naville como figuras proeminentes, abriu um vasto campo para a compreensão das condições de vida e trabalho no interior do sistema produtivo. Estas contribuições não podem ser relegadas a segundo plano nas investigações sociológicas. André Laino recupera o que há de melhor da "sociologia do trabalho", a partir de uma análise marxista do processo produtivo.

No primeiro capítulo, o autor, procura, a partir do discurso dos operários da indústria de molas, recuperar o "imaginário da condição operária", reconstituindo um passado recente da industrialização no Estado de São Paulo. Os discursos aparecem entrecortados por uma idealização do passado: "antes era melhor. Melhor em liberdade. Vai aumentando o pessoal, eles... cortando liberdade" (p. 33). Memória operária; ritmo da produção; tempo social são os recortes que, unificados neste estudo de Laino, nos dão uma idéia da divisão "racional" do sistema produtivo no interior do sistema fabril e da "irracionalidade" aparente da sociedade. Esta relação entre fábrica e sociedade será aprofundada no capítulo terceiro.